

Para maiores
de 12 anos



O MENINO DO TRILHO E O CORVO

SUZO BIANCO

HELENA FRENZEL ED.

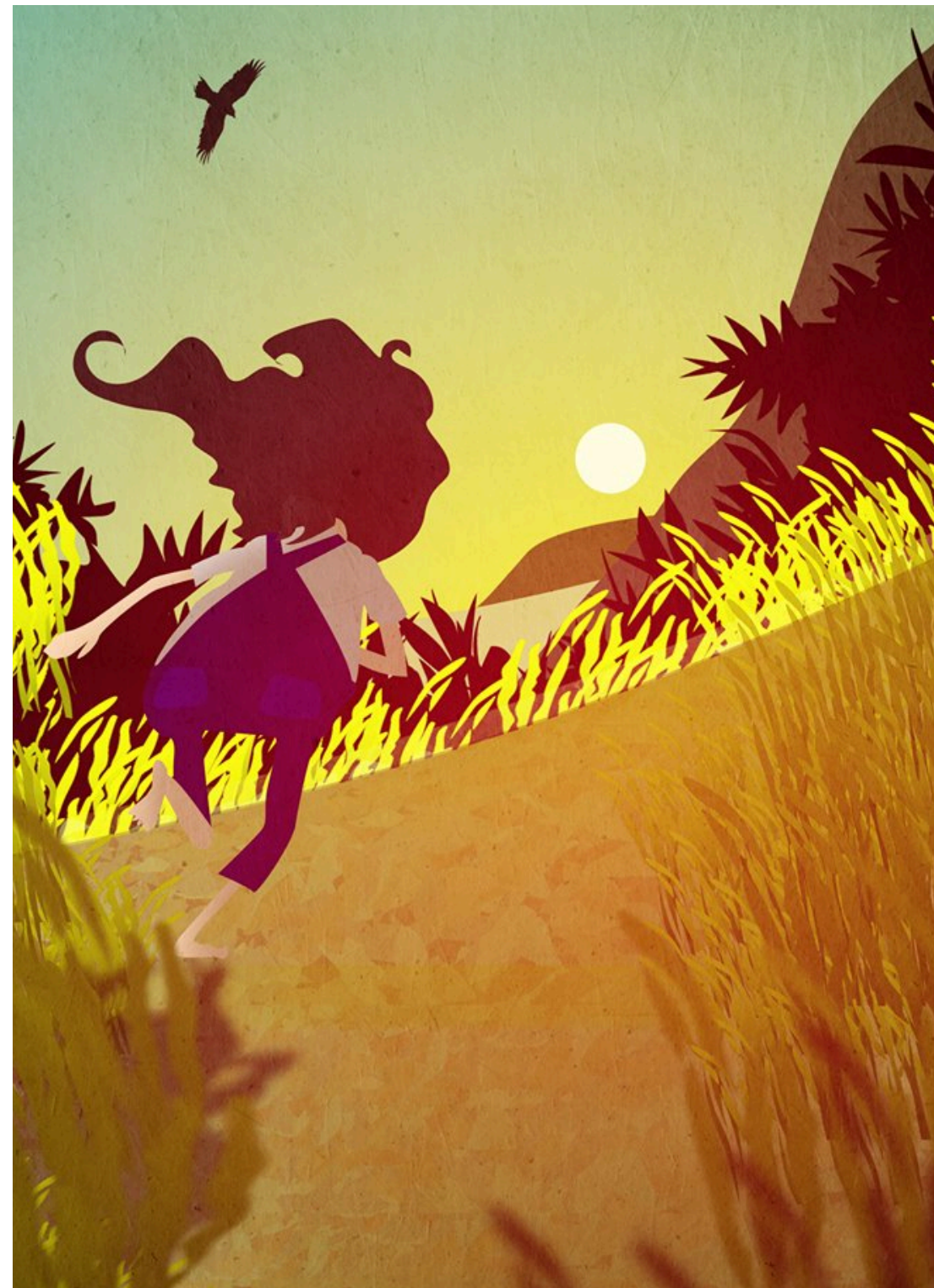


Certa vez, numa tarde muito estranha, um garotinho conseguiu conversar com um corvo...

Aconteceu num entardecer, no horário em que ele costumava acordar. O Menino do Trilho — era assim conhecido pois não saía daquela região da estrada de ferro — aparecia para além dos flancos verdes das montanhas, e corria pelos campos livres do vale. Esse era o seu costume, e naquele dia fatídico não foi diferente: levantou-se sobressaltado, vestiu qualquer coisa e disparou para o mato. Apressado, correu *ralado* rumo à plantação de milho. Cruzou o riacho, escorregou nos barrancos e deslizou por vincos nas rochas, pisoteou cascalhos de trilhas estreitas, pulou cercas, atravessou porteiras de madeira, ultrapassou boiadas inteiras e disputou corridas com cães chatos, libertos de seus sítios. Os pássaros viram-no correndo pelo campo, os insetos se desviaram e os tatus fizeram o mesmo.

O Menino do Trilho ia rumo ao seu destino, e não tinha consciência disso. Mas o corvo lá em cima, girando e observando, tinha.

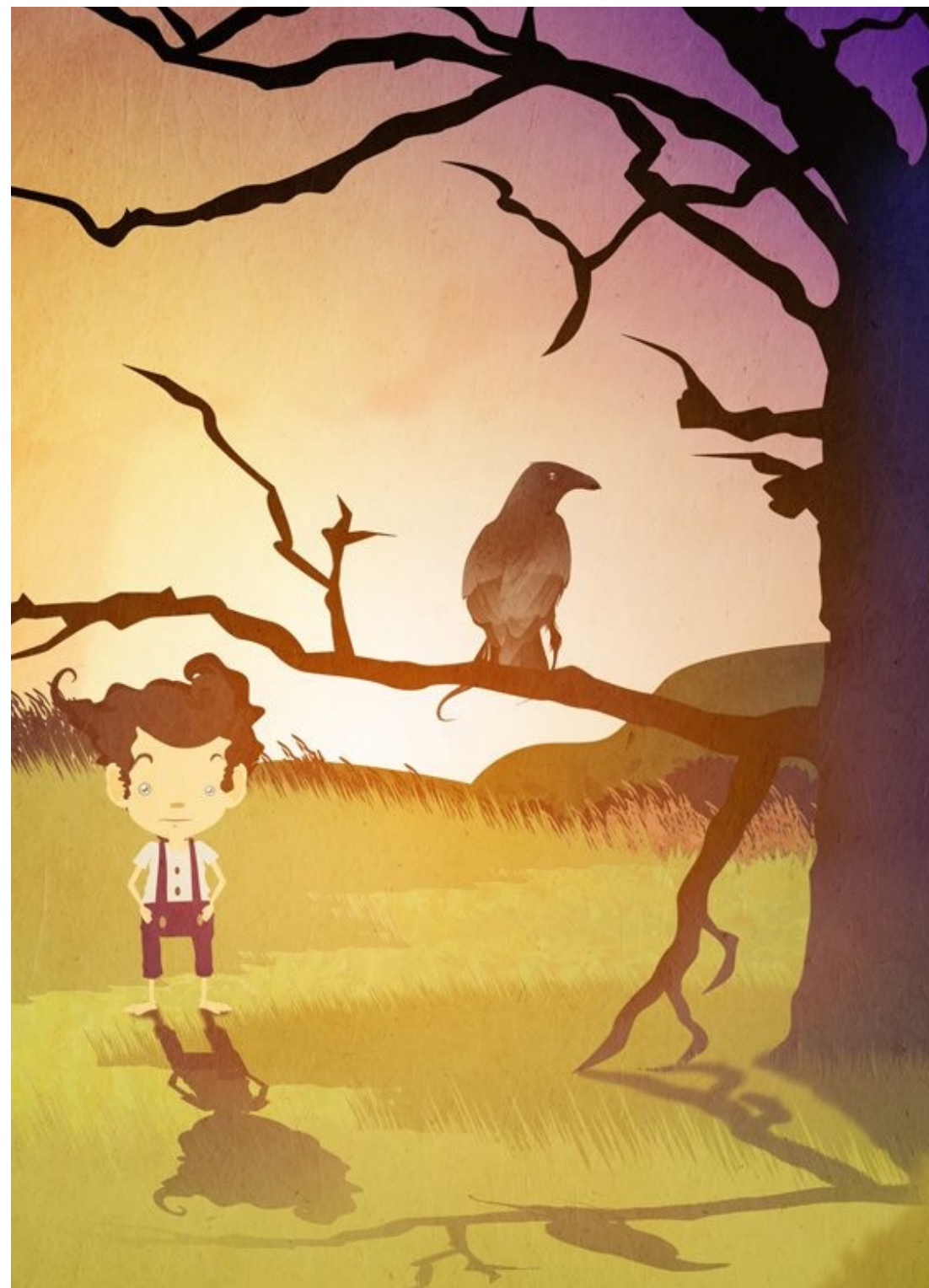
“Lá vem o menino,” — pensava o pássaro negro — “prender-me, talvez. Por amor a aves como eu, que falam bonito, sem pudor e com razão.” — ponderava.



Então, mais uma vez, o menino se embrenhou na floresta de milhos, correu mais um pouco até parar num trecho descampado. Ali havia uma árvore morta, tão feia que o fazendeiro não via necessidade de fazer um espantalho. Nenhum pássaro em plena consciência se aproximava dali. O corvo era uma exceção. Ele estava lá, num dos galhos da árvore, parado, negro, quieto e atento.

— “Sei que você fala!” — disse o garoto, e apontou para o bicho. — “Sei porque sonhei isso!” — baixou o braço acusador. — “Sonhei assim, esses dias, que você viria aqui, desse mesmo jeito: olhando pra mim com menosprezo. Curvado e parado, dizendo palavra alguma de início, contudo girando em compasso e me ouvindo.” — Verdade, o corvo girava para demonstrar desdém. — “Atento e até crendo que poderia seguir sem me dar bola, mas assim que sair vai me ver atento em você, ainda aqui.”

Então o corvo o olhou, sem pensar direito no que fazia. Notou o intento do guri, ainda ali, e se perdeu no começo de seu raciocínio. Achou hilário o processo passado colocando-o, mais uma vez, diante do menino ousado que, pros seus olhos vidrados, sorria.



— “O que quer de mim, guri?” — Resolveu o corvo, afoito, retorquir.

— “Só trocar palavras, de certo modo, sobre o que sonhei. Você e sua habilidade de falar, vim constatar. Não acreditava que corvo falava, com língua de gralha, várias mensagens de outras paragens e até as daqui.” — apontou pro peito, pro próprio coração. — “Sonhei que você, mesmo sem saber, podia ouvir emoção no tom do perdão ou das coisas como são. Com muita razão corri até aqui no mato, além da fazenda que você acalenta, nunca reclamei de sua intromissão, pra lá do portão de minha casa, quase dentro da sala, assustando o cão.”

— “Então foi por isso que veio?” — O corvo se indignou. — “É por isso que me incomoda logo antes de anoitecer? Ora, nunca importunei, só ali perto voei, perseguindo a MINHA existência, à qual há tão pouco tempo e com tão pouco caso se referia, falando besteira sem olhar direito para o mundo além da cerca que o cerca.” — E com raiva: — “Tome cuidado comigo, pois por menos já arranquei olhos de pirralhos atrevidos!”



— “Calma, se mal lhe referi. Só vim aqui pra ouvi-lo falar, e isso me encanta. Não me importo, quis dizer, com sua presença, só não sou muito esperto pra saber explicar. Falo tudo de forma engraçada, me enrolo nas línguas, mal conheço a vida, o que dizer da magia? Não me deixe *avexado* assim, porque aqui estou a sorrir, quero conversar somente, coisa de gente que espera tanto encontrá-lo. Senhor Corvo, por favor, dê-me condolências, pois lhe tenho crença que possa me ajudar a entender meu mundo.”

— “Como é tolo, garoto atrapalhado. Muito, muito, um bocado. Deixe disso!” — Mudou completamente o semblante emotivo, o corvo: — “Não quero ser bravo ou mal educado, mas fujo dos homens, não sei quem vocês são. Um dia talvez eu saiba, mas hoje não. Seus atos me assustam. São contraditórios quando contrariados. Amam a terra, mas a querem exclusiva aos seus. Não dividem, não pedem... Tenho medo de vocês.” — piscou. — “E só lhe falo agora porque posso ver o futuro, e nele, sem furo, posso me valer de que não contará a ninguém sobre nossa conversa. Vejo que você, meu jovem, não verá o amanhã que esse anoitecer anuncia. E sei também que já sabia dessa minha fala, desse encontro.”

— “Sim, sabia, pelo sonho.” — Disse o menino quase risonho.

— “Pois saiba também que sem ver o trem, você vai partir do seu mundo para outro, sem notar o conforto da paz cobri-lo.”

Foi então que o menino se deu conta da regra que havia quebrado. Deu o próprio nariz ao soco da vida. No fundo não achava que aquele corvo existisse, por isso o procurou, como num desafio infantil.

“Duvido mesmo que esse corvo fale de verdade!”

Mas o pássaro foi achado, e como se fosse do sonho um retrato. Aquele bicho assombrado dissera algo tão revelador nos sonhos, que ele acordou sobressaltado e fez o que fez...

Lembrou-se que, sem ver ninguém, seguiu até ali, descalço, dedos na terra. E durante seu sonho, naquele mesmo lugar, se viu conversando com um corvo mágico. E ali, acordado, o sonho se repetia em plena realidade. Alarmado com o fato, e de consciência retomada, lembrou-se do que realmente queria perguntar para a ave negra. Porém foi imprudente. Sem tempo de falar não conseguiu se controlar, chegou logo afoito, veloz, da mesma maneira que fez em sonho, se pôs atrás do corvo, fez a acusação inicial:



“Sei que você fala!”,

acarretando justamente a ira do pássaro que lhe atirara a maldição.

Assim foi seu sonho, e assim estava sendo naquele momento. Havia acordado com a ideia de não esquecer do lugar que sonhou. Não queria deixar de lembrar o que tanto queria perguntar para a criatura sombria: *“Você estava mesmo no meu sonho?”* E só depois disso daria início à sua palestra. Contudo saiu tudo errado, foi atrapalhado e eufórico demais, chegou abusado, falando agitado.

E mesmo durante o sonho teve a ideia de sair dali ainda ileso, ainda sabendo do que poderia lhe acontecer no fim daquela trilha de devaneios. Por isso fora até a árvore morta, desbancando o próprio destino, e ao pássaro, sorrindo, desafiou. Ali, naquele instante de entendimento, sem saída, berrou:

— *“Eu não acredito em você!”*

Gritara também essa mesma agonia em seus sonhos. Tinha medo. Pavor da lenda que dizia que os corvos apenas contavam a verdade. *“Mas os pássaros não falam”*, pensou. Gritou mais uma vez:

— *“Eu não creio em você, maldito corvo!”*

Então a ave se desfez e desapareceu no ar, como no sonho, como magia antiga. O garoto suspirou aliviado, correu de volta, assustado e em pranto. Mas esquecendo-se do reto, torto e eufórico como o vento, deu-se na linha de ferro. Num susto, tropeçou com barulho, batendo a cabeça, um estalo seco. Era verdade, como podia ter se desorientado tanto? O trilho ficava bem perto da própria trilha que rasgava o mato naquela região.

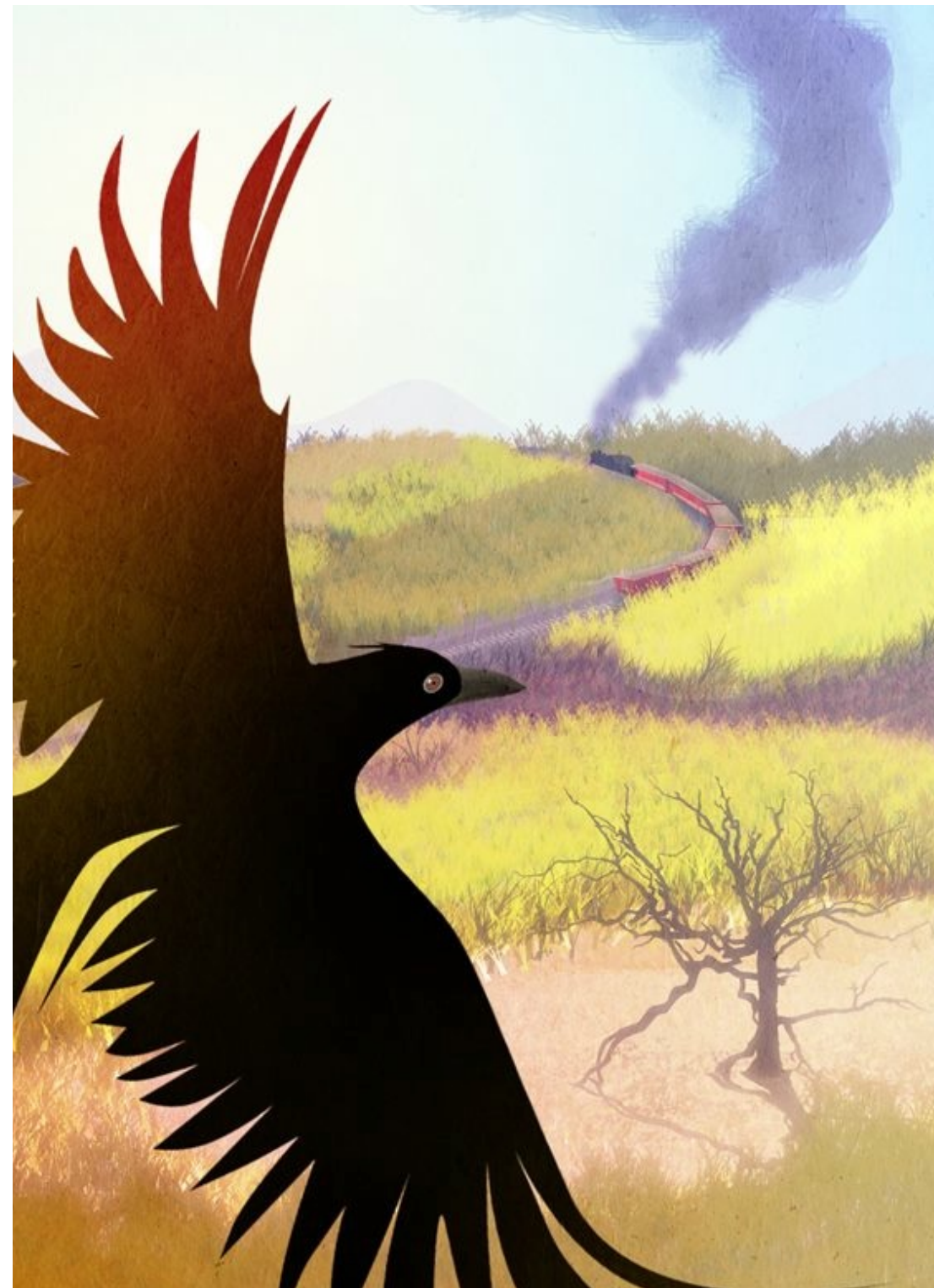
Assim, nem se prestou ao trem que o acertou de repente, partindo-o em lastimáveis memórias perdidas, matando-o de imediato, ali, bem de lado, arrastando o que restou para baixo do maquinário.



De longe o corvo avistou a cena, sem surpresas. Já sabia daquilo, via o futuro. Era arrasador, sempre era.

E em sua presença de espírito, sempre tentava avisar o garoto de sua sina eterna. A maldição não passava disso: tentativa de aviso.

O Menino do Trilho era o fantasma mais lamentável e assustador que o corvo conhecia, e suas infrutíferas tentativas de libertar aquela alma só tornavam a experiência mais triste ainda...



CRÉDITOS

© Suzo Bianco, 2014.

O Menino do Trilho e o Corvo, Conto, Edição Especial: Suzo Bianco, 1a. Edição, *Helena Frenzel Ed.*, Junho de 2014.

Este volume é parte integrante do projeto Quintextos e não pode ser comercializado.

Copyright © 2014. **Suzo Bianco** declara-se autor original do texto e das ilustrações reproduzidos neste volume e, assim sendo, detém sobre o(s) mesmo(s) todos os direitos autorais e assume total responsabilidade por tal declaração. O texto e as ilustrações aqui usados foram reproduzidos com sua gentil permissão.

A editora opta por não seguir, em textos de sua autoria, as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Por este motivo, respeitou as escolhas ortográficas do autor e manteve o texto de acordo com o original. O texto aqui reproduzido trata-se de ficção, ou seja: não se refere a pessoas e/ou fatos concretos do mundo real e não representa, necessariamente, a opinião da editora.

Edição: *Helena Frenzel*.

Copyright © 2014 Todos os direitos sobre esta edição eletrônica estão reservados à editora: *Helena Frenzel, St. Ingbert, Alemanha* (helenafrenzel@gmail.com)

Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma *Licença Creative Commons - Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados 2.5 Brasil* (CC BY-NC-ND 2.5 BR), desde que na íntegra e com os devidos créditos de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: quintextos.blogspot.com